



N.º 97 - LISBOA, 17 DE NOVEMBRO

2.º ANNO 1904

# PARODIA

## COMEDIA PORTUGUEZA



Publica-se ás quintas-feiras  
Toda a correspondencia deve ser dirigida ao administrador da  
**PARODIA-COMEDIA PORTUGUEZA**  
PREÇO AVULSO 20 RÉIS  
Um mez depois d. publicado 40 réis

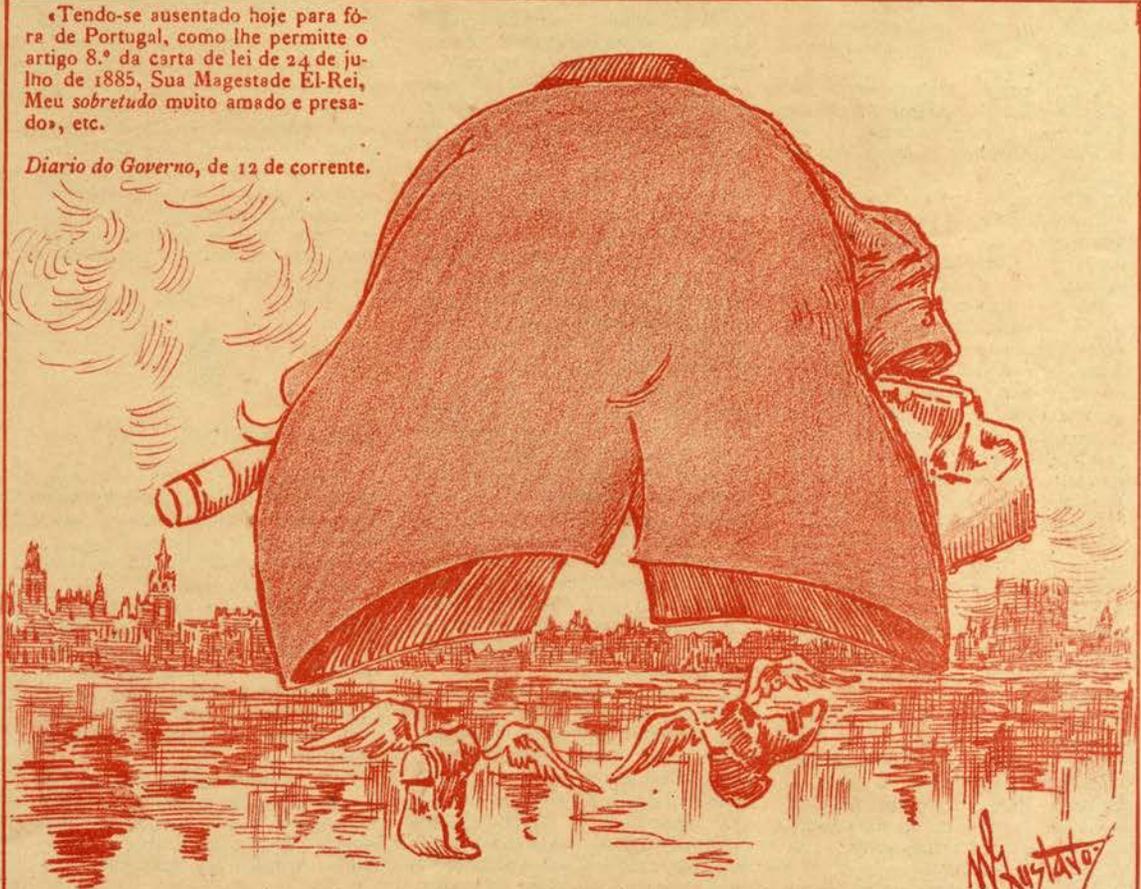
Redacção e administração — RUA DO GREMIO LUSITANO, 66, 1.º  
**Assignaturas (pagamento adiantado)**  
Lisboa e provincias, anno 32 num. 12000 rs. | Brazil, anno 32 numeros..... 2500 rs.  
Semestre, 26 numeros..... 5000 rs. | Africa e India Portuguesa, anno 12000 rs.  
Cobrança pelo correio..... 5100 rs. | Estrangeiro, anno, 32 numeros.. 12000 rs.  
NOTA: — As assignaturas por anno e por semestre acceptam-se em qualquer data, sem porém de começar sempre no 1.º de Janeiro ou no 1.º de Julho

EDITOR — CANDIDO CHAVES  
COMPOSIÇÃO  
**Minerva Peninsular**  
82, Rua do Norte, 82  
IMPRESSÃO  
**Lythographia Artística**  
Rua 10 Almada, 32 e 3

### FACTOS & PALAVRAS

«Tendo-se ausentado hoje para fóra de Portugal, como lhe permite o artigo 8.º da carta de lei de 24 de julho de 1885, Sua Magestade El-Rei, Meu sobretudo muito amado e presado», etc.

Diario do Governo, de 12 de corrente.



M. Austriaco

PRESIDENCIA DO CONSELHO DE MINISTROS

## DO DANDYSMO

Quando se soube que o nosso ministro dos negocios estrangeiros acompanharia o chefe do Estado na sua viagem á côrte de Inglaterra, as pessoas que conhecem da politica não só os factos mas os homens, immediatamente se mostraram empenhadas em saber se o sr. Eduardo Villaça estaria sufficientemente apetrechado para, n'esta melindrosa conjunctura, representar condignamente o nosso paiz no ponto de vista da *toilette*.

Pela primeira vez, depois que vigora o regimen liberal, a opinião, que especialmente se dedicara a conhecer até aqui, da roupa suja dos ministros e homens politicos em geral, mostrou singular empenho em conhecer da sua roupa lavada.

Teria o sr. Villaça um numero cabal de fatos de sair? E como estava elle de sobrecasaca? A sua farda conservava a frescura e o viço dos primeiros tempos do poder, ou estava já fanada pela sua derradeira, longa passagem pelo ministerio da marinha e ultramar?

E de camisas? A camisa é o homem. Verificou se porventura se as suas camisas eram inteiriças, ou se os seus collarinhos e punhos eram postigos. Seria o demonio se o ministro dos negocios estrangeiros deixasse cair nos salões do palacio de Windsor, perante a côrte de Inglaterra, um punho, e se esse punho fosse — de borracha!

Mas se a camisa é o homem, a bota tambem o é. Uma bota demasiado elegante diminua a austeridade do individuo. Só as mulheres tem o direito de calçar bem, porque só as mulheres tem o privilegio do pé. Uma bota grosseira não recommenda: falanos muitas vezes de uma origem grosseira, ou de habitos grosseiros. O calçado tambem tem o seu estylo.

Que tal o calçado do sr. Villaça? Está elle ainda no regimen da bota de elastico, ou já transigiu com o progresso dos atacadores? Alguns affirmaram ter visto o sr. Villaça, da ultima vez que fôra á camara, com uma bota de botões, e este boato correu fagueiramente, como um bom prenuncio.

Finalmente, o sr. Villaça partiu e o paiz preocupado com o seu exito mundano, não ficou a scismar no que pensariam a Inglaterra, a côrte de Eduardo VII e o *Foreign Office*, da sua intelligencia e da sua diplomacia, mas do vinco das suas calças e do nó das suas gravatas.

Tem estas preocupações algum fundamento?

Nenhum, e sob nenhnm ponto de vista.

E' exaggerada prevenção receiar pelo prestigio externo do sr. Villaça, simplesmente porque sua ex.<sup>a</sup> não se veste segundo os canones da elegancia masculina, e é erradissimo conceito associar systematicamente aos altos destinos sociaes a thesoura dos alfayates.

Os homens politicos, chefes de governo, ministros, em toda a parte do mundo, só são jenotas muito excepcionalmente.

O janotismo, ou o dandysmo é, em geral, a prerogativa das classes ociosas. A vida politica, cheia de actividade, não permite aos homens, excessivos cuidados de *toilette*. Além d'isso, a elegancia do trajar anda associada a habitos e a inclinações do espirito que não são por via de regra os dos politicos. Só pensam em vestir bem as naturezas mundanas. Os politicos não pertencem ao mundo e á sua dispersão, mas ás suas absorventes paixões.

A elegancia masculina implica idéas d'arte. Os politicos só muito singularmente são artistas. Quando não são seccos profissionaes da politica, são aquelles historiadores, aquelles philosophos, aquelles estudiosos sobre quem já a tradição pendurou uma velha sobrecasaca cheia de nodoas.

Entre outras sociedades, a sociedade franceza dá-nos o exemplo do desapego dos grandes homens pelas frivolas preocupações do trajar. Quem se veste bem em França? Alguns membros do *Cercle de l'Épatant*, que se vão vestir a Londres. Tudo o mais veste-se com um desmazelo tocante. E' ir simplesmente á camara. — E' um mar de sobrecasacas — do casão. Dir-se-hia que nenhum dos homens representativos que ali estão, tomou medida ás suas roupas, por tal forma ellas estão folgadas.

O presidente Grévy distinguiu-se por trazer sempre um collete demasiado curto, ou demasiado comprido.

O ephemero presidente Périer decotava os collarinhos até ás profundidades do umbigo. O actual sr. Loubet, a despeito dos seus evidentes esforços para se ajanotar, é tudo o que ha de mais *Belle Jardinière*. Um unico presidente fez dandysmo nas suas funcções. Foi Felix Faure, a quem os francezes, com o seu velho e forte bom senso, reputavam um parlapatão.

Delcassé é hoje uma personalidade eminente não só na politica franceza, mas em toda a politica europeia. Delcassé é um arbitro. Pois Delcassé, que, todavia, esteve na Russia, na côrte de Nicolau II, e proseguiu ali a politica espinhosa da dupla alliança, Delcassé—isto está averiguado pelos seus biographos—veste os cheviottes de 35 francos, da casa Godchaux, annunciados na quarta pagina do *Petit Journal*.

Waldeck Rousseau, que era um

sybarita, não era um elegante. O velho Combes, seguidor da sua politica, nunca o foi.

O paiz da elegancia masculina é a Inglaterra, mas a noção do trajar do homem é, n'esse paiz forte, como a de todas as coisas, uma noção forte. Na Inglaterra não ha janotas. Os homens tem esse ar uniformemente bem vestido que vem dos tecidos ricos; mas pouco mais. Os inglezes parecem vestir todos do mesmo alfayate, desde o rei, que é, no entanto, um arbitro de elegancias, até o ultimo dos caixeiros da City. Ninguém veste mal n'um paiz em que todos vestem da mesma forma.

Entretanto, em parte alguma, a não ser talvez no nosso excellente paiz, vestir bem constituiu uma forma de superioridade. O prestigio dos grandes actos, a supremacia das faculdades da intelligencia eis o que, em toda a parte, faz distinguir os homens superiores d'aquelles que não o são. O dandysmo é um arrebique que se pôde perdoar, mas que não se leva em conta. — Por muito bem feita que esteja uma sobrecasaca, ella não augmenta em coisa alguma o valor real dos homens — nem mesmo na côrte de Inglaterra, onde todavia as sobrecasacas bem feitas gosam de um certo favor.

Nada ha, portanto, a receiar do nosso ministro dos negocios estrangeiros, no ponto de vista da *toilette*. Se, como estamos certos, elle leva na sua bagagem alguma coisa mais do que roupa, tudo correrá pelo melhor dos mundos possiveis, na melhor, já se vê, das allianças inglezas.

JOÃO RIMANSO.



### Casa... e pucarinho

O nosso ministro, em Londres, sr. marquez de Soveral, gosa de tantas sympathias entre os inglezes, que a imprensa ingleza não se limita já a elogial-o com exaltação chamando-lhe «Adonis»: quer casal-o.

«Vae elle — diz um periodico londrino, referindo-se ao nosso ministro — reconhecer por experiencia, pela primeira vez, os inconvenientes de ser celibatario, visto que não possui uma residencia, em Londres, onde suas magestades possam receber os seus subditos.»

Esta delicada insinuação da imprensa amiga do sr. marquez de Soveral não é apenas um convite a que sua ex.<sup>a</sup> ponha casa, mas a que se ponha tambem — de pucarinho.



## O REI E OS MINISTROS

Os incommodos de saúde que retem em sua casa o nobre presidente do conselho, se não modificaram a mechanica dos partidos, modificaram profundamente o caracter das relações dos partidos com a corôa.

Assim, até aqui os ministros iam ao Paço.

Agora, é o Paço que vae a casa dos ministros.

Viu-se a ultima semana S. M. a rainha regente ir visitar a sua casa o sr. José Luciano, como pouco antes lhe tinha feito a mesma visita o chefe do Estado.

O precedente está aberto e, já agora, introduzido nos costumes, não sendo difficil acreditar que o que hoje se faz a titulo excepcional e honroso, passe amanhã a fazer-se em virtude de novas praxes constitucionaes.

Os ministros ainda vão hoje a assignatura, a casa do rei.

Quem nos diz a nós que o rei não irá amanhã á assignatura, a casa dos ministros?

Esta nova ordem de coisas não deixaria de ser cheia de bonhomia e variedade.

E' sabido que nem todos os ministros residem, como o nobre presidente do conselho, em domicilios em termos de receberem visitas regias.

Alguns d'esses altos funcionarios, surprehendidos nas condições habituaes de um viver muitas vezes modesto, pela investidura das funcções ministeriaes, não tem tempo de fazer um pequeno palacio e de o mobilar convenientemente, e deixam-se ficar, embora ministros, nos seus andares de aluguer, com a sua creada para todo o serviço, o seu aroma domestico de refugado e a sua escada sem porteiro, refugio dos gatos e das senhoras a quem cáe a liga.

N'estas condições, como seria curiosa a visita do chefe do Estado aos seus ministros!

Imagine-se Sua Magestade indo á assignatura.

Scenario: estreita escada do prédio ministerial. O ministro habita o 3.º andar. El-rei encontra difficuldade em passar do 1.º para o 2.º, porque o patamar está atravancado por uma canastra de pescadas marmotas, que trezandam. Equivoca-se de andar e bate no 2.º.

— Isso não é aqui, diz-lhe uma voz de dentro. Isso é no 3.º.

El-rei agradece, pede desculpa, sobe ao 3.º e dá um safanão autoritario (é preciso que os reis mantenham em todas as circunstancias, as prerogativas da sua soberania) ao carrinho de linha da campainha ministerial.

Dialogo:

— Quem é?

El-Rei sente-se vexado e guarda um embaraçado silencio. E' sempre ridiculo um homem declarar-se rei, diante de uma porta que não se abre, no patamar do 3.º andar de uma escada onde estão apressando pescadas marmotas.

Mas a voz insiste:

— Quem é?

Então, el-rei, vencendo a sua natural confusão, decide-se:

— O sr. conselheiro?...

A voz replica:

— O sr. conselheiro?... Eu não sei se está!...

Outra voz intervem, de longe:

— O' Maria?

— Minha senhora!

— Pergunte quem é?...

A primeira voz:

— O sr. faz favor de dizer quem é?

Novo embaraço d'el-rei, que não ousa annunciar-se sonoramente, como nos romances de Dumas pae—O reil

O ajudante de sua majestade, que espera um pouco atraz, nos degrãos da escada, intervem então em auxilio do chefe do Estado e diz para dentro, com uma voz ao mesmo tempo forte e discreta:

— Diga ao sr. conselheiro que é sua majestade que vem para a assignatura.

Ruido de passos que se afastam. Um canario começa a trinar. Pausa. Ruido de passos que se approximam.

A mesma voz, n'outro tom:

— A senhora manda dizer que não quer mais assignaturas e que já tem a *Ignex de Castro*, do sr. Faustino da Fonseca.

Impaciencia d'el-rei. Intervenção resoluta do ajudante:

— Diga ao sr. conselheiro que está aqui el-rei.

— Como?

Gesto largamente resignado d'el-rei: — Diga-lhe que é o poder moderador!

— O armador?

Um padeiro providencial sóbe a escada. A porta abre-se. Confusão, panico.

El rei entra de esguelha, por ser muito nutrido, pela meia porta do seu ministro, e passa com o seu ajudante á sala de visitas, onde se conserva de pé, ligeiramente affectado e surprehendido.

Dentro, são correrias, vozes baixas de commando.

Subito, uma porta abre-se.

E' o ministro?

Não é ainda o ministro.

— O sr. conselheiro manda dizer a v. ex.ª que tenha o incommodo de esperar um pouco, que está a mudar de meias.

El-rei senta-se n'um *fauteuil* e espera a assignatura.

Por cima, no 4.º andar, começa a trabalhar uma machina de costura.

### Tudo cáe!

Caiu... e queda foi ella  
Que assombrou a todo e Zé  
Desde Lisboa a Palmella!...  
— Quê?... o zimbório da Estrella?  
O sino grande da Sé?...

Rothschild, o rei da finança,  
Está a pedir esmola?  
Caiu a vermelha em França?  
O Pápa agora é quem dança  
E dá tacada na bola?...

O imperador de Marrocos  
Abraça a lei do christião  
Com a qual andava aos sóccos...  
E vem gastar os seus trócos  
Para aprender cantochão?..

— Nada disso. Um gazeteiro,  
Em o qual a prendá eu acho  
De ser mais que verdadeiro...  
Diz que *Sór Hintze Ribeiro*  
Caiu do seu throno abaixo!!!

— O que diz você?... Hom'essa!  
E' custosa de engulir,  
Pois na guela se atravessa...  
Não acho pés nem cabeça  
Ao que me quer embutir!...

Eu não engulo *carochas*  
A que a má lingua se afoita  
Quando se mette em bambochas...  
Nunca vi cair as rochas  
Nem quando mar as agoita!...

— Com sentimento profundo,  
Quando o ordenam os destinos,  
Todas as náos vão ao fundo...  
Tudo cáe cá n'este mundo...  
Até badalos de sinos!...

— E por que foi motivado  
Esse horrivel trambolhão?...  
— Isso não está apurado...  
Dizem que foi empurrado  
Pelo nariz do Beirão.

SIMPLICIO.



### Um proverbio

Ha poetas que falam co'as estrellas,  
E este caso apregoam muito a sério  
Outros que lembram logo o cemiterio  
No tristonho enganchar das rimas bellas.

Ha poetas que estafam as guelas,  
Imitando a piar môcho funéreo;  
Outros que espalham pelo espaço aereo  
Lamurias que enternecem as donzellas.

P'ra que diabo é chorar se a vida é curta?...  
Quem a tristezas a sua alma furta  
E' quem por sabio n'este mundo eu tenho!..

Poetas! varia o tom da estrophe:  
A bella gargalhada alarga o bofe,  
E o proverbio lá diz—chorar faz ranho.



# O NOVO GOVERNO (III)



SE NÃO FOR A SORTE GRANDE, QUE SEJA AO MENOS UMA APPROXIMAÇÃO.

Ministerio do Reino

(Cambio & Loterias)

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

## As mulheres de theatro e os nomes de theatro

Duas alumnas laureadas do curso dramatico do Conservatorio, as senhoras Etelvina Serra e Jesuina Motili, acabam de fazer as suas estreias, com felicissimo exito, respectivamente nos theatros da Avenida e de D. Maria II, e nada ha a dizer: ellas honram a escola em que se prepararam para a Arte e dão a esta as melhores esperanças de a bem servir.

Seja-nos licito, no entanto, fazer, a proposito do seu auspicio advento, alguns breves reparos.

Tudo n'essas novas artistas parece favorecel-as—a belleza, a graça, a intelligencia, a cultura, tudo!

Tudo, menos o nome.

Ah! os seus nomes—que ellas noi-o perdoem!—não são de nenhum modo artisticos. Os seus nomes são vulgares, triviaes, familiares, burguezes.

São os nossos nomes! dirão ellas encolhendo graciosamente os hombros.

Não importa! São maus nomes,—maus para a Arte, maus para o Theatro, maus para o Publico, maus para a Gloria, e não é indifferente para o exito da personalidade um bom nome, como não é indifferente para o exito de certas garrafas—um bom rotulo.

Mas a que chamamos nós um bom nome?

Um bom nome é, sobretudo, um d'esses nomes originaes que, por si só despertam a curiosidade de conhecer quem está por detraz d'elle, como um lindo chapéu desperta o desejo de saber quem o leva á cabeça. Um bom nome é, sobretudo, um nome que não recorde nada de vulgar e a que só seja possivel associar, pelo menos na imaginação, idéas de arte, gosto, phantasia, mundanismo, excentricidade, elegancia. Mas se um bom nome é preciso a todos os que procuram conquistar sem perda de tempo uma gloria ruidosa, mais do que a ninguem, elle é preciso ás artistas de theatro, cujo exito se funda tantas vezes no apparato exterior da sua personalidade.

Todos conhecem Eleonora Duse, Sarah Bernhardt, Gabriella Réjane, Jane Hading, etc.

Pois—nós estamos persuadidos—estas prestigiosas artistas não se chamam, não se chamaram nunca assim. Jane Hading—isto está-se a ver—nunca foi *Jane*. Foi talvez *Jeanne*, *Joanna*, nome de creada de servir, por muito que Joanna d'Arc o tenha ennobrecido. Era *Jeanne* no estado civil. Foi Jane para a arte, para a publicidade, para a fama.

Réjane, por exemplo, é na realidade, Madame Porel, mas por que coizas d'este mundo trocaria ella o seu

bello nome romantico de Gabriella, pelo horrendo e burguezissimo appellido de—Porel?

Etelvina é um lindo nome para trazer por casa. Respira sympathia familiar, graça domestica, virtude no lar. Etelvina Serra é já estado civil burguez. Tem Etelvina Serra uma profissão? Difficilmente diriamos uma profissão artistica. Dizemos: Etelvina Serra e, irresistivelmente somos levados a pensar: Modas & Confeções. *Etelvina Serra—Modas & Confeções.*

Motili é já um nome estrangeirado, mas porque razão nos parece Jesuina Motili, não uma nova artista, mas uma nova parteira approvada na Escola Medico Cirurgica?

Talvez pela razão de que todos os nomes, enquanto não tem fulgor proprio, nos parecem apagados e vulgares. Mas por isso mesmo, a artista de theatro deve fugir d'elles, porque se ha carreira em que se não deva entrar pela porta da vulgaridade, essa carreira é a do theatro.

Etelvina Serra pode vir a ser um nome illustre. Mas não lhe seria muito mais commodo começar por o ser desde já?



### Peso bruto

Todos os dias os nossos jornaes dão um passo novo no caminho da informação.

Estarão todos lembrados que, quando foi das visitas dos reis de Inglaterra e de Hespanha, os jornaes, em concorrência de informação, deram a publico os nomes dos cocheiros e escudeiros que se incorporaram no cortejo que atravessou a cidade.

Agora, com a partida do chefe do Estado para Inglaterra, vieram a publico os nomes dos creados que os acompanharam, mas a Informação, que tudo investiga, não se ficou por ahí e foi mais longe: publicou a tara dos wagons reaes, o que só seria verdadeiramente interessante, se a soberania dos reis se computasse pelo seu peso bruto e se podessemos, por exemplo, exprimir-nos assim:

Antigo Regimen — 15 toneladas. Tara: 29:154.

Monarchia constitucional — 8 toneladas. Tara: 21:243.

Ora, está absolutamente demonstrado desde Pepino o Gordo, que as mais nédias soberanias regias não excedem tres arrobas.



## GUITARRA DA PARODIA

### MOTE

A vida sómente é vida  
No ceu em doce remanso,  
A vida faz-nos soffrer,  
A morte dá-nos descanço.

### GLOSA

De que serve á creatura  
N'este mundo ter alento,  
Se o prazer é um momento,  
A desgraça tanto dura?!  
Um bafejo da ventura  
Mal compensa a dura lida;  
E essa dita appetecida  
Para bem poucos é ella...  
Ah! com essa prenda bella  
A vida sómente é vida!

N'esta vida louca e vã  
Lida o homem afanoso,  
E, se um dia é desditoso,  
Confia no de amanhã:  
Mas baldado é seu afan,  
Da vida o mar nunca é manso,  
Tem nas ondas um balanço  
Em que mal se aguenta a gente...  
E creiam que, tamsomente,  
No ceu ha doce remanso!

O que do ouro tem a mina,  
Que roubou ou que descobre,  
Tambem soffre como o pobre  
Quando a sorte o determina:  
O que é rei, o que domina,  
Desditoso pôde ser;  
Não se farta de dizer  
A sciencia consummada,  
Que, apesar de cubiçada,  
A vida faz-nos soffrer!

Todos ficam sem falar,  
Ou tenham cajado ou sceptro,  
Se da morte o feio espectro  
De longe os vêm espertar!...  
Loucos! e loucos sem par,  
Escutae isto que avança:  
Se é que mysterios alcanço  
N'isto que minha mão traça,  
A morte mata a desgraça,  
A morte traz-nos descanço!

### VENANCIO.



### Uma aposta

Apostei tres vintens com a Liboria,  
Creadinha gentil, doutora em mólhos,  
Que, depois de vencer alguns escolhos,  
Os russos alcançavam a victoria.

Julgar eu que era d'elles toda a gloria  
Patenteava o bom lume de meus olhos...  
Sobravam-me razões, até aos mólhos,  
Por empregar meu tempo a ler a historia!

Firme foi minha crença até não mais...  
Hoje vem confirmar-me o Guimarães  
O que leio, assombrado, nos jornaes!

Leitor, já não almôço nem dois pães...  
Ando pela cozinha a saltar ais...  
Pois creio que perdi os tres vintens!



# Sorte grande

VENDIDA NA CASA  
João Candido da Silva  
Na loteria de 12 de novembro

2305..... 12:000\$000

PREMIOS MAIORES vendidos n'esta casa na loteria de 12, foram:

2305.....	12:000\$000
2304.....	1200000
2100.....	1200000
6482.....	1120000
168.....	1000000
2015.....	1000000
5781.....	1000000

A proxima extracção terá lugar a 10 de novembro, sendo o prem o maior

12:000\$000

Bilhetes a 60.000 réis e vigesimos a 30 réis. Cautelas de 220, 110 e 60 réis.

Grande loteria do Natal a 22 de dezembro.

PREMIO MAIOR

150.000\$000

Bilhetes a 60.000 réis e vigesimos a 30.000 réis. Cautelas a 220, 120.000, 120.000, 550, 370, 220, 110 e 50 réis. Todos os pedidos dirigidos à casa.

**João Candido da Silva**  
196—Rua do Ouro—198

## Reparem!

(Continuação)

nas dôres rheumaticas; algumas feridas que tinha nas pernas, depois de purgarem abundantemente, seccaram, e finalmente, quando acabei de exortar o decimo quarto frasco, achavame inteiramente restabelecido— todo o mal que me apouquentava desapareceu.

Sinto me, é certo, um tanto fraco em consequencia de continuas dejecções motivadas pelo depurativo, mas com uma tal *gana* á comida, que sem duvida, dentro em pouco tempo estarei rijo.

E' um remedio por excellencia  
(Continúa).

### CASA DAS TESOURAS

Gabe te as qualidades, ó **Gabão** maravilha entre todas immortals do frio mais atroz, consolação, de todos os **Gabões** o marechal.

Tu serves para o frio ao Rei Milhão nas costas do mendigo não vaes mal; o Poeta, o Professor, o General! fazem contigo um figurão.

Oh! sublime **Gabão**, como eu te adoro! No teu fagueiro panno, é que eu minoro do frio, o terribilissimo apparato.

Se tu custasses um milhão de reaes eu diria: Oh **Gabão**, tu vales mais, com tantas qualidades és barato.

Gabões de Aveiro de 3\$800 a 25\$000  
Sobretudo da moda de 6\$000 a 25\$000  
Gabões para senhoras e meninas de 4\$500 a 45\$000 réis.

51—R. da Escola Polytechnica—55



Ouivesaria e Relojoaria  
com officina propria  
de fabrico e  
concessos

**FLORINDO**

JOIAS  
COM  
brilhantes  
PREÇOS  
Limitadissimos

99, RUA AUREA, 99

### CALLISTA EFFECTIVO DA CASA REAL Gaston Piel

Das 9 da manhã ás 5 da tarde  
PRAÇA DOS RESTAURADORES, 16

### SOUZA MARTINS

#### O livro IN MEMORIAM

Grande volume de cerca de 600 paginas  
Collaboração de 55 distinctos  
escriptores

Adornado com o retrato de

### SOUZA MARTINS

e a reprodução «fac-simile»  
de uma carta inedita  
do grande homem de sciencia

A' VENDA

Preço 2\$000 réis

O producto da venda é applicado á compra de papeis de credito e o juro annual destinado a um premio que se ha de denominar

### SOUZA MARTINS

e que será dado ao alumno mais distincto da Escola Medica de Lisboa

O resto dos volumes podem ser pedidos a

Casimiro José de Lima

P. dos Restauradores, 38  
LISBOA



Peço a V. Ex.ª a fineza de não comprar chapéus sem primeiro visitar este estabelecimento.



### ORTHOPEDIA

CASA ESPECIAL DE FUNDAS e aparelhos orthopedicos DE **MANUEL MARTINS**

FORNecedor DOS HOSPITAES CIVIS, CASAS DE SAUDE, DE BENEFICENCIA, ASSOCIAÇÕES DE SOCCORROS MUTUOS, ETC.

154, Rua da Magdalena, 154-A  
(ANTIGA Calçada do Caldas Proximo ao Largo de Santa Justa)—Lisboa

### FATOS BONS E BARATOS

A Casa do Povo d'Alcantara é sem duvida o estabelecimento que melhor veste e mais barato. O seu corte está a cargo de um alfaiate de primeira ordem, e o acabamento das suas obras é sempre confiado a officiaes escolhidos.

O seu sortimento em fazendas para fatos é monstruoso e de apurado bom gosto. Os seus preços não teem competencia em egualdade de circumstancias e todas as fazendas são molhadas antes de cortadas.



Fatos completos de boas casimiras, com jaquetão ou paletot, desde..... 6\$000  
Fatos completos em flanela azul ou preta, com jaquetão ou paletot, desde..... 6\$000  
Fatos completos com frak em cor, preto ou azul, desde... 8\$000  
Fatos completos com sobrecasaca de bons diagonaes ou cheviotes, desde... 15\$000  
Fatos completos com smoking, des. 15\$000  
Fatos completos com casaca, desde. 22\$500  
Sobretudo de bellas casimiras, des. 7\$000  
Varinos de bellas catrapianhas, des. 7\$000

Tambem se fazem fatos á militar, fardamentos para collegias, librés, casacos para senhoras e meninas, e tudo o mais concernente a este genero de trabalho.

### CASA DO POVO D'ALCANTARA J. O. MIGUENS

R. do Livramento, 137, 139, 141, 143

### Companhia União Fabril

Rua 24 de Julho, 940  
LISBOA

Recompensas obtidas em 1904 pelos seus productos

### EXPOSIÇÃO DE S. LOUIS

O Grand prix em velas e sabões, Grupo 23

Uma medalha d'ouro em adubos, Grupo 20

Uma medalha d'ouro em oleos e bagaços cumestiveis, Grupo 84

Uma medalha de prata em oleos não cumestiveis, Grupo 95

### Exposição Agricola do Porto

O 1.º PREMIO

Medalha d'ouro—Diploma d'honra em velas, sabões, oleos, etc.

Bagaços oleogeneros e Teintures alimentares para engordar e sustento de gado.

Adubos Chemicos e Massas de Purgreira para todas as culturas.

Oleos de Farnesite, óleo, linhaca, purgueira, mentol e feno.

Sabões e Velas para illuminação de todas as qualidades.

# VIAGEM REGIA

Sociedade onde a gente se aborrece (Scena da estufa, 4.º acto).



Oh! SHOCKING

VILLAGE

- Oh! BELLAC!!!  
- Oh! EU REPARAREI, MISS!  
EU REPARAREI...

PORTUGAL

INGLATERRA

Fieis aliados: — o Leão e o Gato.

M. J. Pinto